

1

— Sim, é claro, se amanhã estiver bom — disse Mrs. Ramsay —, mas vais ter de te levantar com as galinhas — acrescentou.

Ao filho estas palavras comunicavam uma alegria extraordinária, como se ficasse assente que a expedição iria realizar-se, e eis que o fascínio a que aspirara, talvez por anos e anos, se achava, após as trevas de uma noite e a travessia de um dia, ao alcance da mão. Como pertencia, apesar de somente com seis anos de idade, a esse grande clã que não consegue manter uma sensação separada da outra, mas tem de fazer com que os projectos futuros, com as suas alegrias e as suas mágoas, envolvam o que realmente se encontra ao nosso dispor, como para gente assim, mesmo na primeira infância, qualquer volta da roda das sensações tem o poder de cristalizar ou transfixar o momento sobre o qual repousa a sua sombra ou sua refulgência, James Ramsay, sentado no chão a recortar figuras do catálogo ilustrado dos Army and Navy Stores, atribuía à figura de um frigorífico, enquanto a mãe falava, um êxtase celestial. E a figura ficava circundada de alegria, o carrinho de mão, o aparador da relva, o rumor dos choupos, folhas que branqueavam antes da chuva, gralhas que grasnavam, vassouras que chocavam, vestidos de seda que rugiam — todas estas coisas lhe ficavam tão coloridas e distintas no espírito que já tinha o seu código privativo, a sua linguagem secreta, embora parecesse o retrato da severidade rígida e inflexível, com a testa alta e os cruéis olhos azuis, impecavelmente cândido e puro, levemente franzindo o sobrolho à vista da fragilidade humana, de tal forma que a mãe, vendo-o conduzir com destreza a tesoura em torno do frigorífico, o imaginava todo de vermelho e carmim no Bench, ou dirigindo um empreendimento sério e urgente em qualquer crise dos negócios públicos.

— Mas — disse o pai, detendo-se defronte da janela da sala — não vai estar bom.

Se houvesse um machado à mão, um atizador ou qualquer arma que pudesse abrir um buraco no peito do pai e matá-lo, qualquer que fosse a arma, James tê-la-ia empunhado. Eram assim os extremos de emoção que Mr. Ramsay, pela sua simples presença, excitava no peito dos filhos; de pé, como agora, magro como uma faca, fino como o seu gume, rindo sarcasticamente, não apenas pelo prazer de desiludir o filho e de lançar o ridículo sobre a mulher, que era mil vezes melhor do que ele em todos os sentidos (pensava James), mas também com uma secreta presunção pela certeza do seu julgamento. O que dissera era verdade. Era sempre verdade. Era incapaz de mentir; jamais deturpava um facto; jamais alterava uma palavra desagradável, para satisfazer o prazer ou a conveniência de qualquer mortal, muito menos o prazer ou a conveniência dos próprios filhos que, nascidos das suas entranhas, tinham de se convencer desde a infância de que a vida é difícil; os factos inflexíveis; e a passagem a essa terra de maravilhas onde se extinguem as esperanças mais luminosas, e os nossos frágeis cascos fracassam na escuridão (aqui Mr. Ramsay endireitava as costas e cerrava sobre o horizonte os pequenos olhos azuis), é passagem que exige, acima de tudo, coragem, verdade e capacidade de sofrer.

— Mas pode ser que esteja bom... espero que esteja bom — disse Mrs. Ramsay, dando uma breve torção à meia castanho-avermelhada que tricotava impacientemente. Se a terminasse esta noite, se acabassem por ir ao Farol, era para a dar ao guarda do Farol, para o rapazinho dele, que se encontrava ameaçado de tuberculose numa anca; juntamente com um maço de revistas e algum tabaco, afinal tudo aquilo que pudesse encontrar à sua volta, que realmente não fosse necessário mas que apenas estivesse espalhado pela sala, para dar a essa pobre gente, que devia sofrer de um tédio mortal por se sentar todo o dia sem nada para fazer, excepto polir a lâmpada e aparar o pavio e limpar e esgravatar e voltar a esgravatar a sua nesga de jardim, algo com que se divertisse. Pois quem é que gostaria de ficar fechado por um mês inteiro, ou talvez mais, com mau tempo, em cima de um rochedo do tamanho de um corte de ténis?, perguntaria Mrs. Ramsay; e não ter cartas nem jornais, e não ver ninguém. Se fosse casado, não ver a mulher, não saber como estão os filhos — se se acham doentes, se caíram e partiram as pernas ou os braços; ver as mesmas ondas tristes, quebrando semana após semana, e chegar depois uma tempestade terrível, e as janelas cobertas de espuma, e as aves a embater na lâmpada, e todo aquele lugar oscilando, e não poder pôr o nariz fora de casa com medo de ser arrastado para o mar? Gostariam disso?, perguntava, dirigindo-se especialmente às filhas. Portanto, acres-

centava em tom algo diverso, devemos levar-lhes todo o conforto que nos for possível.

— Vai virar a leste — disse o ateu Tansley, levantando os dedos ossudos separados para que o vento corresse por entre eles, partilhando com Mr. Ramsay o passeio do fim do dia, de cá para lá e de lá para cá através do terraço. Queria isto dizer que o vento soprava da pior direcção possível para atracar ao Farol. Sim, dizia sempre coisas desagradáveis, admitia Mrs. Ramsay; era muito mau massacrar essa história, deixando James ainda mais desanimado; mas, por outro lado, não consentiria que se rissem de Tansley. «O ateu», chamavam-lhe, «o atezinho». Rose fazia troça dele; Prue fazia troça dele; Andrew, Jasper, Roger faziam troça dele; até o velho *Badger*, sem um único dente nos queixos, o mordera, porque Tansley era (como explicava Nancy) o centésimo décimo jovem a persegui-los todo o caminho até às Hébridas, quando seria muito mais agradável ficarem sós.

— Que disparate — disse Mrs. Ramsay, com toda a severidade. À parte o hábito de exagerar que dela tinham herdado, e da consideração (que era justificada) de que convidava gente de mais para casa, e de que tinha de alojar alguns hóspedes na cidade, não poderia tolerar faltas de educação para com os seus convidados, em especial para com os jovens, que eram uns pelintras, «excepcionalmente dotados», como dizia o marido, grande admirador deles, e que vinham ali passar as férias. De facto, todo o sexo oposto estava sob a protecção de Mrs. Ramsay; por razões que não poderia explicar, pelo cavalheirismo e pela coragem desses homens, pela circunstância de que negociavam tratados, governavam a Índia, controlavam a finança; enfim, por uma certa atitude perante ela própria, que nenhuma mulher poderia deixar de sentir ou de reputar agradável, algo de confiante, de infantil, de reverente; isso que uma velha poderia receber de um jovem, sem perda de dignidade, e pobre da rapariga — provesses a Deus que não fosse nenhuma de suas filhas! — que não entendesse o significado de tais coisas, e tudo aquilo que implicavam, até à medula dos ossos.

Dirigiu-se a Nancy, severamente. Charles Tansley não os perseguira, disse. Fora convidado.

Tinham de descobrir uma solução. Tinha de haver uma saída mais simples, uma saída menos complicada, suspirava Mrs. Ramsay. Quando olhava para o espelho e via os cabelos grisalhos, as faces cavadas, aos cinquenta anos, pensava que talvez pudesse ter levado as coisas de melhor maneira — o marido; o dinheiro; os livros que ele publicava. Mas, pela parte que lhe tocava, nem por um segundo lamentaria a decisão to-

mada, se furtaria a dificuldades, deixaria em branco as suas obrigações. Possuía agora um aspecto soberbo, e era só em silêncio, erguendo os olhos do prato, após terem tão severamente falado de Charles Tansley, que as filhas — Prue, Nancy, Rose — poderiam entreter-se com as ideias mirabolantes que alimentavam de uma vida diferente daquela que tinham; em Paris, talvez; uma vida mais agitada; sem terem de cuidar sempre de um homem ou de outro; pois que, nos seus espíritos, havia uma silenciosa interrogação de cavalheirismo e de deferência, do Banco de Inglaterra e do Império das Índias, de dedos anelados e de rendas, embora para todas elas houvesse nisso algo da essência da beleza; desencadeando o brio no seu coração de raparigas, fazendo com que, sentadas à mesa sob o olhar da mãe, lhe honrassem a estranha severidade, a sua extrema cortesia, como uma Rainha erguendo da lama o pé sujo de um mendigo, e lavando-o, quando assim as admoestava tão severamente sobre esse miserável ateu que os perseguira — ou, para falar com correcção, fora convidado a acompanhá-los — até à ilha de Skye.

— Vai ser impossível atracar ao Farol amanhã — disse Charles Tansley, esfregando as mãos, postado à janela na companhia de Mr. Ramsay. É evidente que já dissera de mais. Mrs. Ramsay desejou que ambos a deixassem e a James, que continuassem a conversar. Olhou para ele. Era um sujeito tão medíocre, diziam os filhos, cheio de bossas e de covas. Era estúpido e sarcástico, dizia Andrew. Sabiam de que é que ele mais gostava — andar sempre de cá para lá, de lá para cá, com Mr. Ramsay, e dizer quem ganhara isto, quem ganhara aquilo, quem era «um homem de primeira água» em poesia latina, quem era indubitavelmente «o indivíduo mais competente de Balliol», quem desaparecera temporariamente em Bristol ou em Bedford, mas que prometia dar que falar quando os seus Prolegómenos, dos quais Mr. Tansley possuía as primeiras páginas em provas se Mr. Ramsay estivesse interessado em vê-las, a qualquer ramo das matemáticas ou da filosofia viessem a lume. Era sobre isto que conversavam.

Mrs. Ramsay não podia impedir-se de rir algumas vezes. Há dias, dissera qualquer coisa sobre «ondas altas como montanhas». Sim, replicara Charles Tansley, estava um tanto encrespado. «Você não está encharcado até os ossos?», perguntara ela. «Húmido, mas não ensopado», respondera Mr. Tansley, apalmando as mangas, tocando as peúgas.

Mas não era isso o que os aborrecia, diziam os filhos. Não era a sua cara; não eram as suas maneiras. Era ele — as ideias que tinha. Quando falavam de qualquer coisa interessante, gente, música, história, qualquer coisa, se diziam simplesmente que estava uma linda noite e portanto por-

que não irem sentar-se ao fresco, então o que lamentavam em Charles Tansley era o não se sentir satisfeito enquanto não tivesse revolido o assunto por completo, fazendo com que de certo modo reflectisse a sua pessoa, e desprezando os jovens, pondo-os fora de si com essa ácida maneira de tudo descascar. Tansley era capaz de andar pelas galerias de arte, diziam, perguntando às pessoas se gostavam da gravata que trazia. E Deus sabe, concluía Rose, que as pessoas não gostavam.

Desaparecendo, rápidos como cervos, da mesa de jantar logo que a refeição terminava, os oito filhos e filhas de Mr. e Mrs. Ramsay demandavam os seus quartos, que eram a única coisa de que dispunham numa casa onde não havia outra privacidade para discutir qualquer coisa, para discutir tudo; a gravata de Tansley; a aprovação da Lei da Reforma; as aves marinhas e as borboletas; a gente; enquanto o sol penetrava nesses sótãos, com um tabique apenas a separá-los uns dos outros, de forma que perfeitamente se podiam ouvir os passos todos e os soluços da criada súfça por causa do pai que morria de cancro num vale dos Grisons, e iluminava os morcegos, as flanelas, os chapéus de palha, os tinteiros, os frascos de óleo de pintar, os escaravelhos e as caveiras de pequenos pássaros, enquanto desprendia das longas tiras folheadas das algas, pregadas à parede, um cheiro de sal e de ervas, que também ficava nas toalhas ásperas da areia dos banhos.

Conflitos, dissidências, diferenças de opinião, preconceitos insinuados até à mais recôndita fibra do ser, por que razão teriam eles de começar tão cedo, lastimava-se Mrs. Ramsay. Eram tão críticos, os filhos. Diziam tanta tolice. Saiu da sala de jantar, levando James pela mão, pois ele não queria ir com os outros. Parecia-lhe tão errado — inventar diferenças, quando as pessoas já eram suficientemente diferentes sem isso. As verdadeiras diferenças, pensava, de pé junto à janela do salão, são bastantes, mais do que bastantes. Recordava-se, nesse instante, de ricos e de pobres, de ilustres e de humildes; os grandes pelo nascimento que dela recebiam, com certa má vontade, um cumprimento, já que nas veias de Mrs. Ramsay corria o sangue dessa nobilíssima casa italiana, algo mítica, cujas filhas, espalhadas pelos salões ingleses durante o século XIX, tinham murmurado com um modo tão encantador, se tinham agastado de forma tão violenta, e toda a sua graça e o seu porte e o seu temperamento era delas que vinham, não dos indolentes ingleses ou dos escoceses frios; mas, com maior detalhe, analisava o outro problema, o dos ricos e dos pobres, e aquilo que vira com os próprios olhos, semanalmente, diariamente, aqui ou em Londres, quando em pessoa visitava uma viúva ou uma esposa com dificuldades, e levava uma mala enfiada